



Eixo 4 – Educação brasileira: recortes históricos

MULHER:
**PROTAGONISMO NO CENÁRIO MUNDIAL NA LUTA POR IGUALDADE
E LIBERDADE**

Antônio Carlos Coqueiro Pereira – IESKS*

Resumo: A elaboração do Artigo Acadêmico teve como ponto de investigação acadêmica, a atitude em que está sendo tratada a mulher atualmente no cenário nacional. A pesquisa trata da luta da mulher, dentro dos fatos históricos primitivos e perpassa pela História Antiga, medieval, moderna e contemporânea em conquistar cada vez mais espaço dentro da sociedade, não ter a injusta fama de ser o gênero frágil dentro de uma sociedade. Mostrar como são tratadas de forma injusta no campo do trabalho, no meio social por quem entende que o gênero feminino humano ainda é um objeto figurante em um legado que mostra ao contrário dentro de uma perspectiva no percurso do tempo. A pesquisa foi de cunho bibliográfico, com reflexo de livros sobre o tema em que a mulher é o ponto central do discussão.

Palavras-chave: Conquista. Gênero feminino. Luta da mulher.

Introdução ou o legado histórico feminino

A luta das mulheres no contexto histórico mundial mostra a garra, perseverança e a sapiência em que fazem, em momentos da civilização humana, um ser que desponta aos olhares de muitos homens que fizeram com que a vida fosse desenvolvida não só por um gênero, mas com a parceria dos dois gêneros principais na vida em sociedade. Falar de fatos em que as mulheres se despontam no cenário mundial, continental, de países e regional, faz com que legados históricos sejam contados em várias formas de registro pelo mundo. Sabe-se que esses legados tiveram início na época primitiva, continuou na antiga, enveredou na história medieval, seguiu na idade moderna e seguem fazendo história no cenário contemporâneo. Pode-se afirmar que no percurso da história do legado masculino teve participação preponderante das mulheres que não são relatadas em manuscritos, anais acadêmicos e em livros que tratam de preservar a história humana na terra (DIAS, 2011).

Apesar de não serem evidenciadas em lutas corporais ou de outra forma de evidência, foi por uma necessidade de viver, sendo fonte de inspiração em várias situações no período histórico motivaram os homens, de forma geral, a viverem. Pode-se iniciar no período

*Mestre em Gerência e Administração de Políticas Culturais e Educacionais pelo Instituto de Educación Superior Kyre`y Sãoo (IESKS); Graduado em Letras-Português/Inglês; Graduado em Pedagogia; Pós-graduado em Psicopedagogia Institucional e Clínico; Pós-Graduado em Gestão Escolar.



primitivo, onde a distinção de gênero não era evidenciada, pois mulheres e homens tinham a mesma tarefa no seu ciclo social de forma igualitária, todos tinham que cumprir atividades como a caça, pesca, coleta de grãos e de compreenderem que não existia diferença de um ser o menos desfavorável em relação a força. Quando a civilização atinge a idade antiga, as mulheres começam ter importância em algumas sociedades no mundo. Quando tinham as mesmas condições que os homens cumpriam as mesmas tarefas, inclusive batalha como soldado sem distinção, além de procriar e, cuidar dos seus filhos. Essa ideologia adentrou até na idade média e a valorosa contribuição da mulher em frente de batalha não foi de legados insignificantes.

Também pode ter conhecimento de que as mulheres nesses períodos lutaram para defender as suas proles ou mesmo os seus direitos em relação às injustiças no que pode ser abordada em termos sociais e reconhecimento de direitos. Muitas são heroínas anônimas, outras foram heroínas mal interpretadas, muitas tiveram reconhecimentos que não teve uma dimensão calculada e assim foi o legado das mulheres no percurso da história vivida desde a origem mais primitiva até chegar atualmente. As mulheres nem sempre tiveram suas histórias registradas nos anais da história ou nas mídias que sobrepõem a força masculina no contexto histórico.

O legado das mulheres na condição da vida primitiva foi de uma igualdade sem intenção de serem diferenciadas pela força masculina em relação a força física feminina, mas não pelo gênero em que atualmente é difundido. A forma em que viviam em grupos ou até mesmo individual faziam com que os homens não distinguem o que é para ser tarefas deles ou das mulheres faziam as mesmas tarefas e não tinham separações de tarefas fáceis para as mulheres e as mais difíceis para os homens. Percebe-se que o papel das mulheres na vida primitiva tinha a mesma condição de valor aos dos homens. O legado das mulheres na histórica antiga começa a ter uma percepção singular com as dinastias egípcias em que a governança e títulos de imperadores ou de faraós eram títulos exclusivos para os homens e de seus descendentes futuros.

O papel das mulheres era ser mais uma companheira do que ser uma auxiliadora em atitudes e de poder juntos com os reis, imperadores e faraós (SAFFIOTI, 1987). Essa temática quando teve a ascensão da primeira mulher faraó, devido na concepção de herdar título de pais ou de outros parentes somente eram permitidos para homens e mesmo assim seria o primogênito, assim, pode entender que para uma mulher ser a maior representante de governo de uma nação egípcia deveria ser a cuidadora e parente mais próximo desse que é cuidado (SOUZA, 2013). Foi assim que aconteceu com a Faraó que conseguiu ser a primeira mulher a ser um faraó no Egito. Para ser comparada a uma divindade, passou a usar barba postiça, usar roupas masculinas e ser esculpida e retratada em hieróglifos com



características masculinas. Governou o Egito por dezoito anos, tendo um legado de construções de templos, marcos culturais e de negociações diplomáticas através de diálogos para evitar guerras. Foi a construtora de templos no período dos reinados de faraós. A segunda mulher a governar o Egito foi Cleópatra, deixou um legado de governabilidade por vinte anos, onde teria como objetivo unificar o Egito, defender das invasões romanas e criar um exército poderoso para as novas conquistas.

A valorização das mulheres vem sendo um fato preponderante nos países denominados Nórdicos, desde a história antiga ou primitiva dessa região do mundo as mulheres são tratadas como deusas e sacerdotisas em relação aos mais importantes seguimentos sociais da época. Nas tribos sociais predominava a força máscula e do poder da força inteligente nos países Nórdicos como a Noruega, Finlândia, Suécia, Dinamarca e a Islândia. Esses países na contemporaneidade têm conservado historicamente o respeito pelas mulheres. Os países Nórdicos são os lugares mais interessantes para as mulheres viverem. A Islândia foi o primeiro país do mundo a eleger uma mulher divorciada e mãe para presidir o país e a Finlândia é o primeiro país eleger e ter mulheres no parlamento.

A Dinamarca foi o primeiro país aceitar e reconhecer mulheres trans perante o desejo e a necessidade de ser o que são. Esse fato vem desde a Era Viking, onde o poder dos homens poderia ser e ter uma supremacia na visão de homens “rudes por natureza” tendo como colocar a força bruta sobre a feminidade das mulheres. Mas o que conhece muito do legado daquela época sobre os homens e as mulheres é que dependendo da situação, tinha uma divisão entre as mulheres e as suas funções dentro da sociedade em que viviam. Assim, poderiam ter mulheres na labuta domésticas, na educação dos seus filhos e principalmente as mulheres que lutavam juntos aos homens para defenderem e expandirem seus territórios na busca de riquezas e espaço para viverem, sendo denominadas de “mulheres escudeiras”.

A mulher Viking na época em que a supremacia valia da força e do poder tinha mais liberdade e direitos do que as mulheres no mundo contemporâneo. Tinha direito e liberdade nas suas terras, no seu lar e nos seus filhos. Podiam ter a liberdade de assegurar seus direitos através de guarda dos seus bens. Podia ser lavradora, administrar os lares e famílias e, acima de tudo, podiam ser guerreiras e exercer cargos no exército na chefia e posições de elevado escalão militar (PIRES, 2017).

As punições para quem violasse o direito das mulheres eram severas, as infidelidades por seus maridos eram pagas com recompensas e passavam a carregar consigo chaves dos seus pertences quando eram livres. Assim, na sociedade Viking as mulheres eram veneradas com igualdade com os homens, podendo exercer cargos administrativos como



reinar, serem conselheiras, comandantes de exércitos e planejarem excursões de expansão de riquezas e territórios. Um dos fatos mais importantes era a saga das mulheres escudeiras. Nas sociedades vikings, as mulheres tinham sua independência e foi assim que surgiu a lenda de Lagherta, esposa de Ragnar que saiu de casa porque o seu marido tinha gerado o filho com outra mulher. Assim, formou um exército de mulheres denominadas de Escudeiras. Os mais importantes Deuses Vikings eram do sexo feminino como as Deusas Freya, que era a Deusa do amor, da fertilidade, do desejo e da cobiça. Eram uma a mulher que encantava os mortais e os imortais. Outras mulheres faziam parte do reino dos Deuses Nórdicos como as Valquírias, Iduna, Deusa da imortalidade e Hell a Deusa da morte. Neste contexto, a luta das mulheres para serem independentes tem início em setecentos e noventa e três da Era Viking, daí em diante as mulheres passaram a entender que precisam ter seus espaços no meio da sociedade mundial (MATTIER, 2018).

As mulheres tiveram no cenário medieval na conjuntura social da Grécia, Roma e Egito. Nenhum desses impérios ficou sem a participação das mulheres em suas histórias.

As mulheres no período antigo

As mulheres no período primitivo eram tratadas como seres iguais aos seres masculinos na vida social, cada uma tinha o dever de manter a segurança, a coleta de alimentos, a caça e principalmente buscar melhores condições de vida social. Assim, não tinha conhecimento pelos homens as mulheres serem sujeitos somente de procriação e subjugação. Não existiam ser menos ou mais do que o outro. Foi realmente nessa época que as mulheres podiam ser comparadas aos homens nas tarefas de seu desenvolvimento e manutenção da vida. Com o passar do tempo, a descobertas feitas pelos homens, quando percebe que as mulheres tinham o dom da procriar e dar vida passou a ter uma diferenciação entre o poder masculino e feminino.

Na história antiga passa a ter diferença no trato da relação entre homens e mulheres nas diferentes camadas sociais, como na Noruega, Finlândia, Dinamarca, Islândia, Grécia Antiga, Roma, nas Terras da Britannia (Inglaterra na Invasão Romana), Egito e Esparta. Essas sociedades tinham condições de prestígio na História Antiga por seres sociedades que mais desenvolveu nos fatores educacionais, comerciais, militares e em organizações políticas organizadas. Na Ásia Antiga, os legados como a força feminina tinha poderes na vida social, econômica, política e cultural, pois as mulheres tiveram astúcia para manipular imperadores, impor forças e prevalecer dinastias por longos períodos. Assim, comprava nas figuras dos imperadores que são encontrados nas atuais ruínas encontradas por arqueólogos e estudados por antropólogos sobre a permanência das mulheres no poder, embora, muitas vezes escondidas por ideologia masculinas, mesmo na época em que

viveram. Esses fatos nas esculturas e retratos esculpido nas escavações em Deir El-Bahari, no Alto Egito, também denominado de Templo de Mortuário de Hatshepsut que foi a primeira mulher Faraó do Egito. Não foi por mérito que ela chegou ao reinado, por ser filha do Faraó Tutmés I, com catorze anos se casou com o seu meio irmão Tutmés II, com a morte do seu marido, o trono passou ao seu sobrinho, mas ele era menor de idade e a Rainha Hatshepsut, como curadora do sobrinho passou a ser a Faraó e fez um reinado de justiça, conquista de riquezas e territórios, com um senso de busca por igualdade entre os seus súditos. De acordo com os achados arqueológicos nas escavações, a sua figura era travestida por características masculinas, com longas barbas postiças, trajes de vestimentas masculinas. Ainda, tendo o valor masculino como forma de perpetuação de poder, isso foi marcante de acordo com o mencionado nos escritos históricos sobre a Faraó.

Muitos dos livros que falam sobre gênero no Egito Antigo mencionam Hatshepsut, em parte por ter ela ocupado um posto tão alto na hierarquia egípcia, em parte por que desperta a atenção ao nos depararmos com tão curiosa figura de uma mulher “travestida” com toda uma indumentária masculina e automaticamente nos perguntamos: por quê? (LAZAROTTO, 2016, p. 7).

Percebe-se que o poder masculino sobreponha ao gênero feminino por admirar a ascensão da mulher no mais alto posto político e administrativo da sociedade antiga egípcia, sendo que, quando as mulheres galgassem esse tal posto, tinham que se representarem de uma forma mais direta a forma masculina de acordo com suas características físicas, comportamentais e através de suas indumentárias. O poder masculino tinha ainda uma preponderância na sociedade egípcia em vários fatores social. Depois de Hapshepsut tiveram rainhas faraós como Cleópatra, que não precisou usar indumentária em que característica masculina fosse representada ou travestida.

As mulheres na idade média

Desde o Século I d.C, as mulheres continuam sustentarem a hegemonia do homens nas suas formas mais propícias de que os homens era superiores em relação às mulheres, desde o dogma religioso que concebe as mulheres como provenientes das costelas do homens (GÊNESIS, Versículo, 22, p. 3) até na concepção da violenta humilhação que sofreu Maria Madalena, no ato do apedrejamento em praça pública. Os homens na sua forma masculina ainda era a supremacia do gênero humano. No começo da Idade Média, as mulheres eram instrumentos de sustentação do poder masculino, pois não tinham direito a ter a liberdade que os homens tinham em seus cotidianos nos cuidados dos filhos, afazeres domésticos e no envolvimento das questões sociais em que os homens participavam para decidirem situações sociais, políticas, econômicas e de cunho educacional. Assim, foram



marginalizadas perante o que pode dizer o profano, que representava a figura humana de ruim situava na figura feminina. Os contos mitológicos e lendas demonstram que as bruxas e medusas estão associadas à figura do pecado, quando nos atos religiosos falam como surgiram as mulheres e seus comportamentos.

Além da figura bíblica, a mulher no contexto da era moderna na Europa também teve sua figura relacionada às bruxas e às mulheres que não seguiam os padrões católicos (como por exemplo, as protestantes ou as judias), que contribuíram para uma ainda maior marginalização do sexo feminino. A mulher ideal considerada ideal era a que seguia os preceitos de Cristo e que não se aventurava por outros ambientes que não fosse o lar e que não tivesse “língua solta”, e se fosse considerada bruxa ou feiticeira, deveria ir para a fogueira, como representação de purificação de sua alma. (BENTES; AMARAL; ALMEIDA; KOGA & SALDANHA, 2018, p. 03)

As mulheres, desde o período em que os humanos começaram a viver sedentários, com a formação de laços afetivos, na formação as mulheres passaram a serem vistas como objetos do sexo frágil, com a rotulação de serem as primeiras, na história a pecarem e ser protagonistas do pecado no mundo, que precisavam ser doutrinadas nos moldes das religiões e de acordo com a vida social masculina.

Assim, eram julgadas e não podiam exercer cargos de relevância, sobretudo na sociedade europeia, onde a supremacia era masculina preponderava na tomada de decisões para o desenvolvimento da vida social. A visão do poder masculino tem no fortalecimento religioso católico, com as doutrinas de que tudo que foi introduzido nesses moldes iam contra os mandamentos religiosos para julgamento de heresia de profanar a figura máscula do senhor mandatário do lar e com a rebeldia de distinguir o que eram os papéis masculinos e femininos. Um dos exemplos são os feitos heroicos de Joana d'Arc, mulher que desafiava a sociedade, sendo uma guerreira e indo para a frente de batalha realizar feitos heroicos, vestida de homem.

A mulheres que desafiavam os dogmas sociais da época eram presas, conduzidas aos conventos para serem doutrinadas aos moldes religiosos para serem passivas, acomodadas com o que eram impostas para fazerem e cuidarem dos lares como se fossem a única tarefa e papel dentro da sociedade. Quando veio a Reforma Protestante, as mulheres tiveram papel na vida religiosa importante, desde que estivessem ao lado do marido para pregar a religião na sociedade, pois, na religião católica, antes do movimento protestante, as mulheres tinham o papel de acompanhar os maridos na devoção. Houve uma abertura no papel na religião protestante e que esse desenvolvimento foi gradual e constante.

Observa-se que as mulheres, ao serem inseridas nos movimentos religiosos, adquirem certa independência (em comparação à vida que levavam anteriormente), também existindo uma mudança no ambiente familiar, em que a mulher não se vê mais tão presas ao ambiente doméstico e submissas ao marido. Ainda assim, católica ou protestante, a mulher em sociedade permanecia subjugada e excluída do poder de decisão na maior parte dos espaços (BENTES; AMARAL; ALMEIDA; KOGA & SALDANHA, 2018. p. 3).

O movimento da Reforma Protestante não quebrou os grilhões em que prendiam as mulheres ao preconceito e a negação dos direitos que deveriam ter igualmente aos homens no seio social medieval. As mulheres não tendo tal liberdade e direito foram capazes de mudar as situações em que a política, religião, vida social, cultural e educacional mudassem fatos históricos nesse período. As mulheres simples continuavam sendo vítimas de descaso e preconceitos masculinos, embora a de “sangue nobre”, que tivesse legado de fidalgos e nobreza real podiam usar de influência e manipular políticas internas e externas como foi o caso de Catarina de Aragão, prima do Imperador Espanhol, que teve marcante influência nos conflitos políticos e armamentistas da época, também a sua sucessora no leito conjugal do Rei Henrique VII Ana Bolena, que teve uma influência marcante no início da separação da Inglaterra com a Igreja Católica e na criação da Igreja Anglicana. Apesar de discriminada como sexo frágil foram as mulheres que revolucionaram o período medieval. A história da Inglaterra mais violenta, foi quando o Rei Henrique VIII morreu e a sua filha Maria I herdou o trono e passou a ser a Rainha da Inglaterra, foi um reinado de perseguição religiosa, pois a Rainha Maria tinha formação católica, dada por sua mãe a Catarina de Aragão e passou a combater quem não seguiam o catolicismo. Foi denominada de Maria, a Sangrenta. De outro lado, a sua sucessora, a irmã, a Rainha Elisabeth I por parte de pai e filha de Ana Bolena, foi a que mais prosperou na Inglaterra.

As mulheres na idade moderna

A transição da idade média para a moderna teve uma participação das mulheres no movimento transitório entre os dois períodos. O marco foi a queda do feudalismo com o declínio do senhor feudal, com a imigração dos servos e camponeses para o centro habitacional e o surgimento do comércio e dos parques industriais (CONTE, 1976).

Assim, consentiam que a diferença social econômica nunca iria igualar o servo, escravos com os nobres e nem com a monarquia que sustentavam o poder. E as mulheres continuavam sendo a parte frágil e discriminada da sociedade. Mas teve papel importante dentro da renovação da luta por igualdade, liberdade e fraternidade, esse legado somente foi concretizado porque algumas desfraldaram bandeiras e foram para as ruas combater o poder absoluto do rei e dos nobres. Na ruptura da vida social feudal com a desigualdade, o fator feminino foi de muita importância, pois não estava mais suportando a fome, as



injustiças, a falta de educação e de acesso a direitos. A população sofria as injustiças, e as mulheres viviam os seus efeitos. O movimento feminista entra na história humana e as mulheres protagonizam eventos em que são protagonistas.

Inspiradas pelos ideais iluministas, as mulheres pediam mais educação, mais liberdade, igualdade de direitos em relação aos homens, direito ao divórcio, direito de aprender profissões, igualdade na aplicação das leis penais, já que elas eram igualadas aos homens estrangeiros de acordo com a Constituição vigente, além do banimento da regra tradicional de primogenitura para herança, direito à propriedade e até oportunidades de trabalho (DANTE, 2013, p. 11)

A atitude de manifestar e de lutar direitos demonstra que as mulheres conseguem mobilizar e reivindicar direitos por equidade, assim começa a conquista do ideal libertário (DANTE, 2013). Posteriormente, essa luta passa a ser reivindicação por novas frentes como o direito no trabalho que, com o avanço da industrialização e com crescimento do mercantilismo industrial, incluiu as mulheres nos parques industriais sem uma regulamentação de carga horária de trabalho, sendo uma fonte de exploração dos donos de indústrias que retribuía a mão de obra feminino em baixo custo e com carga horária elevada, devido à falta de regulamentação. A luta por o reconhecimento dos seus esforços perpassou fatores associados ao tempo de permanência nas indústrias, conforme a capacidade do esforço físico humano suporta. Esse movimento levou a formalizar os direitos trabalhistas na Europa e estendeu por todo o mundo. Muitas mulheres destacaram na luta por igualdade no campo do trabalho, na vida social e econômica, na forma e uso de culturas no que envolve a quebra de paradigmas na moda e na quebra de tabus machistas

Mulheres com Alexandra Kollontai, Mary Wollstonecraft, Flora Tristan, Clara Zetkin, Rosa de Luxemburgo, Maria Firmina dos Reis, Bertha Lutz, Laudelina de Campos Mello, Ana Montenegro, Elizabeth Teixeira, Olga Binário, Leila Diniz, Zuzu Angels, Marta Hari, Marie Curie, Valentina Tereshkova, Amelia Earhart, Kamoko Kimura, Maria Lacerda de Moura, Elizia Leonida Zamferescu, Rosa Parks, Sofia Lonescu-Ogrezeanu, Mary Winsor, Bertha Von Suttner, Nísia Floresta Augusta, Joana D`Arc, Maria Quitéria, Ada Lovelace, Hipácia, Anita Garibaldi, Emmeline Pankhust, Carlota Pereira de Queirós, Frida Kahlo, Rosalind Elsie Franklin, Edileuza Coqueiro, Marina Ginesta, Sabiha Gokçen, Maria da Penha Anne Frank e muitas outra mulheres deram cunho revolucionário ao movimento de lutas feministas em épocas diferenciadas, mas que colaboraram com as vitórias e reflexões nos dias atuais.

As mulheres na contemporaneidade

A luta constante por quebra de preconceitos, fortalecimento de posições na sociedade em qualquer parte do mundo fez com que as mulheres na contemporaneidade alcançassem direitos na luta pelo voto e de participar de pleito eleitoral nos cargos políticos, ser combatentes na linha de frente em busca de liberdade e equidade no contexto social. Assim,



as mulheres podem ser mães, mas também participam da vida social na condição de cidadãs, podendo ser o que quiserem ser. Discutiu-se como, ao longo da história, os papéis passaram a ser comuns entre homens e mulheres. As mulheres que lutam pelas por equidade gênero são reconhecidas no cenário social. Foram exemplos dessa militância, Rosa de Luxemburgo, Alexandra Kollontai, Mary Wollstonecraft, Flora Tristan, Clara Zetkin, Olga Benário e Bertha Lutz. Mulheres que buscaram liberdades de expressões e de serem o que quiserem ser têm o legado das feministas emancipacionistas que, desde a antiguidade, saíram do seu conforto e passividade e passaram a serem ativas e militaram na seara da equidade. Atualmente há mulheres em todos os âmbitos da vida social, trabalhando em diversas áreas de produção, serviços e principalmente em áreas de liderança (DIAS, 2022).

As mulheres alcançaram posto de relevância na sociedade, passaram a chefiar países de economia avançada como Primeira- Ministra, presidiu países, chefia órgãos nacionais e internacionais e, a cada dia avança em áreas diversas em âmbito mundial. Entretanto, ainda existem obstáculos que não foram vencidos, ainda há políticas públicas excludentes e os avanços não atingem todas as mulheres, sobretudo àquelas que vivem nas camadas sociais mais vulneráveis. Vive-se em outro contexto no que trata o movimento para a igualdade de gênero no Brasil e no mundo.

Os direitos têm que ser para todas as pessoas, a liberdade de ser o que se quer também e os modos de vida em condições de viver com liberdade e independência, tanto profissional, como econômica, emocional e sentimental.

Um exemplo de violação de direitos é o caso de uma das personagens da contemporaneidade que sofreu violência, lutou e denunciou seu caso na Organização dos Estados Americanos (OEA) que cobrou pensionamento do Brasil no caso. O país como reparação, aprovou a lei que garante ao homem, autor de agressão contra as mulheres, punição por atos praticados, levando a lei o seu nome, Lei Maria da Penha, n. 11.340 (BRASIL. 1996). Percebe-se que precisou uma mulher ser agredida com “selvageria” para reivindicar e garantir que seu agressor fosse punido. Remonta o mito bíblico quando uma mulher é a causadora do primeiro pecado porque comeu a fruta proibida.

Valorizar e respeitar é uma forma de reconhecimento para as mulheres que, apesar de ter conseguido espaço em várias camadas da vida social, ampliar suas atividades laborais em seguimentos tido como machistas ainda são agredidas. Assim, as conquistas são de suma importância na emancipação das mulheres no meio social, embora ainda existam obstáculos para que as conquistas sejam efetivas de forma de equidade entre mulheres homens.

Considerações finais

As mulheres viveram no mundo primitivo sem a distinção de gênero em relação às atividades praticadas para a sustentação e a manutenção da vida. Apesar da diferença física em relação aos homens não havia distinção de convivência e de afazeres no cotidiano diário na vida em grupo. Pode também haver semelhança no mundo antigo, principalmente nas regiões Nórdicas em que as mulheres tinham seus afazeres com alguma diferença dos homens, mas podiam executar certas atividades, fazer o que os homens faziam como ser guerreira, administradora e agricultora.

Na contemporaneidade, essa região adotou uma política de igualdade em cargos eletivos, como ter a primeira mulher com filho e sem marido a governar um país, eleger a primeira mulher trans em cargo legislativo, como também implantar lei de equidade de gênero no meio social. Pode também ver que na idade medieval, as mulheres fizeram parte das lutas para conseguir quebrar a supremacia da monarquia, do clero, dos senhores feudais e da burguesia. Na contemporaneidade, as mulheres têm papel importante, tanto na política como na academia, no campo científico e na luta por direitos a terem direitos a serem o que quiserem ser. Portanto, a luta das mulheres em todas as suas dimensões prossegue no cenário mundial, marcado com vitórias e derrotas, mas avança a cada dia, em um devir.

Referências

- BIBLIA SAGRADA. Livro do Gênesis. Disponível em: <https://letras-lyrics.com.br/PDF/Biblia/Biblia-Genesis.pdf>. Acesso em 12 jan. 2022.
- BRASIL. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em 05 maio 2022.
- CONTE, Giuliano. Da crise do Feudalismo ao nascimento do Capitalismo. Portugal: editora presença, 1976.
- DANTE, F.C.S.O. *As mulheres na revolução francesa*. Centro Universitário Leonardo da Vinci-UNIASSELVI. Maiêutica - Curso de História, 2013.
- DIAS, M. F. N. Ser mulher na idade média. Textos de História. *Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB*, 5(1), 82–91, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27754>. Acesso em 12 jan. 2022.
- LANGER, J. & AYOUB, M.L. *Desvendando os vikings: estudos de cultura nórdica medieval*. Johnni Langer, Munir Lutfé Ayoub (Orgs.). João Pessoa: Ideia, 2016..
- LAZZARATTO, G. *Que ela possa reger as duas terras, que ela possa conduzir todo o vivente” Uma análise da teogamia de Hatshepsut como Filha de Amon*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2016.
- PIRES, H. *Os vikings em Portugal e na Galiza*. Sintra: Zéfiro, 2017.



SAFFIOTI, H. I.B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

SOUSA, A. F. *A mulher-faraó: representações da Rainha Hatshepsut como instrumento de legitimação* (Egito Antigo - século XV a.C.) 2010. 2010. Dissertação Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

